

# Um Estudo Variacionista sobre os Existenciais *Ter* e *Haver* com Base em Dados do ALiB de Alagoas, Ceará e Piauí

## A Variacionist Study on The Existentials *Ter* and *Haver* Based on Alib Data of Alagoas, Ceará and Piauí

Aluiza Alves de Araújo\*  
Rakel Beserra de Macedo Viana\*\*  
Cassio Murílio Alves de Lavor\*\*\*

### RESUMO

Neste trabalho, estudamos o uso variável dos verbos *ter* e *haver* em dados retirados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (MOTA; CARDOSO, 2009; CARDOSO; MOTA, 2012) de Alagoas, Ceará e Piauí, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008; WEINREICH et al., [1968] 2006). Para isso, analisamos a fala de 84 informantes, distribuídos em 21 municípios dos três estados já mencionados. Foram controladas as variáveis sexo, faixa etária, localidade, tipo de questionário e forma verbal. Os dados foram submetidos ao programa Goldvarb X e encontramos os seguintes resultados: o verbo *ter* obteve ocorrências totais superiores a 96%, sendo seus aliados a faixa etária I e o tempo presente, enquanto, para o verbo *haver*, a faixa etária II e o tempo pretérito foram seus aliados, apresentando tendência de mudança em progresso de *ter* sobre *haver*.

**Palavras chave:** Sociolinguística variacionista; verbos existenciais; ALiB.

### ABSTRACT

This paper deals with the variable use of the verbs *ter* and *haver* regarding the data taken from the Linguistic Atlas of Brazil – ALiB, including Alagoas, Ceará and Piauí (MOTA; CARDOSO, 2009; CARDOSO; MOTA, 2012). Its conclusions are based on theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, [1972] 2008; WEINREICH et al., [1968] 2006). In this purpose, the authors analyze the speech of 84 informants, distributed into 21 municipalities of the three States mentioned above. The variables gender, age, location, type of questionnaire and verbal form were controlled. The data were submitted to the Goldvarb X program with the following results: the verb *ter* obtained total occurrences higher than 96%, allied to the age group I and the present tense, whereas for *haver* the age group II and the past tense were the protagonists, presenting a tendency for a changing process from *ter* to *haver*.

**Keywords:** Variationist sociolinguistics; existential verbs; ALiB.

Recebido em 9 de janeiro de 2020.

Aceito em 10 de março de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.362

\*Universidade Estadual do Ceará, aluizazinha@hotmail.com, orcid.org/0000-0003-2166-0852

\*\*Universidade Estadual do Ceará, rakelbeserra@gmail.com, orcid.org/0000-0001-6565-7730

\*\*\*Universidade Estadual do Ceará, murilolavor\_rh@hotmail.com, orcid.org/0000-0002-5228-6042

*Agradecemos à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP pelas bolsas concedidas nos períodos de mestrado e doutorado que viabilizaram essa pesquisa.*

## Introdução

A variação dos verbos *ter*, *existir* e *haver* em sentido existencial constitui um dos fenômenos linguísticos no português brasileiro (doravante PB) que vem chamando a atenção de muitos pesquisadores por se apresentar, em vários estudos, como um caso de mudança linguística em progresso (BATISTA, 2012; CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2004; MARTINS; CALLOU, 2003; OLIVEIRA, 2014; RIBEIRO et al., 2013; SILVA, 2001, 1999; SOUZA, 2015; VIANA, 2018; VITÓRIO, 2011, 2012, 2013). É conhecida, desde tempos remotos, a batalha entre estes três verbos no português de Portugal, pois, no português arcaico, *ter* e *haver* se realizavam, indistintamente, em estruturas de posse, mas, no entanto, a partir do século XV, vê-se a expansão de *ter* nas estruturas de posse em lugar de *haver*, assim o uso de *haver* possessivo acaba se extinguindo com o passar dos anos (SILVA, 2001).

Dessa forma, as orações existenciais, que, em latim, se exprimiam com o verbo *esse*, passaram, no próprio latim, a construir-se com *habere*. Eram, dessa forma, *habere* e *tenere* que possibilitavam o uso alternado no sentido de “possuir”, e passam a diferenciarem-se a partir da especificação de *habere* para orações existenciais, constituindo, assim, uma relação de divergência de sentido entre estes dois verbos.

As orações existenciais no PB, onde originariamente eram da competência de *haver*, passam a ser constituídas com o verbo *ter*. Com o passar dos séculos, *ter* caminha na direção de *haver*, expandido o seu campo semântico com a noção de existência. Dessa forma, mais uma vez, o verbo *ter* toma campo para o verbo *haver*: primeiramente, o sentido de posse e agora o sentido de existência.

Este trabalho está inserido nos limites que se relacionam entre Geolinguística-Dialetologia e a Sociolinguística Variacionista, já que ambas enfocam a língua em seu espaço geográfico/espacial, no tocante à primeira, e, em seu contexto social, no que diz respeito à segunda. Nesta interseção de pilares teóricos, analisamos o uso dos verbos *ter* e *haver* com sentido existencial, a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB).

Nosso objetivo é, portanto, verificar o comportamento dos verbos *ter* e *haver* em dados de três estados nordestinos, a saber, Alagoas, Ceará e Piauí. Para isso, analisamos dados da fala de 84 informantes de 21 municípios dos estados citados e controlamos as variáveis *sexo*, *faixa etária*, *localidade*, *tipo de questionário* e *forma verbal*.

Apresentamos os estudos de Ramos e Santos (2012) e os de Cardoso (2008, 2007) por tratarem de pesquisas que analisam o fenômeno sobre os verbos existenciais com dados extraídos de atlas brasileiros. O primeiro traz dados do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, adotando uma perspectiva variacionista, e os outros dois utilizam dados de capitais do ALiB, numa perspectiva dialetológica, como veremos nas seções seguintes. Nossas hipóteses, para essa análise, são as seguintes: i) os dados de *ter* são superiores aos dados de *haver*; ii) o *sexo masculino* favorece o verbo *ter*, enquanto o *sexo feminino* beneficia *haver*; iii) a *faixa etária II* (de 50 a 65 anos) privilegia o verbo *haver* e iv) a *forma verbal pretérito* favorece o verbo *haver*.

Além desta breve introdução, nosso trabalho apresenta mais quatro seções, a saber: uma seção onde abordamos três pesquisas sobre os verbos existenciais com dados baseados em *corpora* de Atlas brasileiros; a seguir, apresentamos a seção de procedimentos metodológicos, onde esclarecemos os procedimentos de coleta, assim como o desenho de nossa amostra; seguidamente, trazemos, ao leitor, a análise de nossos resultados e, por fim, algumas considerações finais sobre o fenômeno em questão.

## 1. Estudos sobre os existenciais em Atlas linguísticos brasileiros

Há, sobre os verbos existenciais, diversas pesquisas realizadas Brasil afora, como as de Batista (2012), Callou e Avelar (2000), Dutra (2004), Martins e Callou (2003), Oliveira (2014), Ribeiro et al. (2013), Silva (2001, 1999), Souza (2015) e Vitorio (2011, 2012, 2013). Além destas, trazemos aqui três estudos sobre os verbos existenciais que analisam dados provenientes de Atlas linguísticos brasileiros, como o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB (CARDOSO, 2007, 2008) e o Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA (RAMOS; SANTOS, 2012). Esta escolha se deve ao fato de, em nossa pesquisa, estarmos lidando apenas com dados extraídos do ALiB.

Os estudos de Cardoso (2008, 2007) utilizam dados de capitais do ALiB com o contraponto entre as escolaridades fundamental e superior numa perspectiva da Dialetologia, ao passo que o estudo de Ramos e Santos (2012) analisa dados do ALiMA, com base apenas em duas questões do questionário morfossintático e das perguntas metalinguísticas, numa perspectiva variacionista. Vejamos, a seguir, por ordem cronológica crescente, os principais achados destes estudos.

Em Cardoso (2007), as capitais analisadas foram Aracaju, Maceió e Recife. A autora encontrou um total de 1285 ocorrências: 1227 para *ter* (96%) e 30 para *haver* (2%). Em seu estudo, são apresentadas apenas as tabelas com as ocorrências e percentuais para as variáveis *localidade*; *faixa etária*; *gênero*<sup>1</sup> e *escolaridade*, ou seja, são analisadas as variações de natureza

---

1 Utilizaremos, nesta seção, os termos utilizados pelos autores, lembrando que, em todos os estudos, a nomenclatura utilizada refere-se somente ao sexo biológico, como estratificado nos bancos de dados utilizados.

*diatópica, diageracional e diagenérica*. Para a variável *localidade*, os percentuais de *ter* superam os 90%, enquanto que *haver* não chega até 8%, sendo que, para Maceió, não há ocorrências para esse verbo. Quanto a *escolaridade*, podemos ver que, embora ocorra a supremacia de *ter*, o verbo *haver* obtém 27 ocorrências com falantes universitários, contra 03 ocorrências para falantes com nível fundamental.

Quanto à variável *faixa etária*, os dados de *ter*, também, se apresentam superiores a 90%, sendo que, para *haver*, foi registrada 01 ocorrência na *faixa 1* e 31 ocorrências para a *faixa 2*. Assim, os mais velhos apresentaram mais realizações de *haver* que os mais jovens. Por fim, em relação à variável *gênero*, esta, por sua vez, segue a mesma tendência das variáveis anteriores: índices de *ter* superiores a 90%, sendo que as *mulheres* usam mais *haver* (3,2%). A autora finaliza sua pesquisa, afirmando que há uma “tendência/preferência pelo uso de *ter* existencial em detrimento de *haver*, pois os dados evidenciam uma mudança em curso que se vem operando no português brasileiro.” (CARDOSO, 2007, p. 6).

Já o trabalho de Cardoso (2008) utiliza dados ampliados do estudo de Cardoso (2007). Em Cardoso (2008), estudo de cunho dialetológico, sobre os verbos existenciais, em que foram controladas, assim como no estudo anterior, as seguintes variáveis: *localidade, faixa etária, sexo e escolaridade*. A pesquisa obteve dados referentes a cinco capitais, a saber: Aracaju, João Pessoa, Maceió, Recife e Salvador, onde foram encontradas 1812 ocorrências, sendo 1712 dados para *ter* (95,5%) e 48 para *haver* (2,6%). Na análise, novamente, encontramos apenas os percentuais e o número de ocorrências para os fatores controlados. Na variável *localidade*, vemos a preferência dos informantes pelo uso de *ter*, que atinge, no geral, a casa dos 90%, à exceção de Salvador que apresenta um índice de 88%, enquanto que *haver* alcança 8% em Recife. Para a variável *faixa etária*, jovens e idosos utilizam mais o verbo *ter* com um percentual que ultrapassa, para ambas as faixas, a casa dos 90%.

Vale notar que, para o verbo *haver*, do total de ocorrências, o maior índice é o da faixa etária II, o que corrobora com a literatura da área. Para a variável *sexo*, homens e mulheres usam mais o verbo *ter*, com percentuais muito próximos, 94% e 95%, respectivamente. Para *haver*, os usos entre os dois gêneros não são muito diferentes, pois vão de 2 a 4 ocorrências. Por fim, a variável *escolaridade* nos indica que os falantes universitários alcançaram o índice percentual de 5% no uso de *haver*, cabendo aos falantes com nível fundamental um percentual de 1%. Dessa forma, a autora conclui que os dados evidenciam “uma mudança em curso que se vem operando no português brasileiro, atribuindo-lhe, assim, no que diz respeito a esse aspecto, um *status* diferenciado do português europeu.” (CARDOSO, 2008, p. 07, destaque da autora).

Na pesquisa de Ramos e Santos (2012), as autoras se utilizaram do *corpus* do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA e dos fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. As autoras encontraram um total de 330 dados: 322 ocorrências (97,5%) de *ter* e

08 ocorrências (2,4%) de *haver*. Os resultados são apresentados apenas em percentuais para cada variável. As variáveis testadas por Ramos e Santos (2012) foram *animacidade do argumento interno*, *tempo verbal*, *localidade*, *faixa etária* e *sexo/gênero*.

Os resultados para a variável *localidade* são: o fator *São Luís* apresenta o maior número de ocorrências dos dois verbos (03 para *haver*, 4,2% e 68 para *ter*, 95,8%), já as cidades de *Balsas*, *Brejo*, *Imperatriz*, *Tuntum* e *Turiaçu* foram categóricas no sentido de empregarem o verbo *ter*. Para a variável *faixa etária*, embora ocorra uma baixíssima quantidade de ocorrências do verbo *haver*, os *idosos* usaram mais a variante *haver* (06 ocorrências) que os *jovens* (02 ocorrências). Com relação ao *sexo/gênero*, também, com pouquíssimas realizações, as *mulheres* empregaram mais o verbo *haver* (05) que os *homens* (03), como já era esperado. As variáveis linguísticas, *animacidade do argumento interno* e *tempo verbal*, apresentaram os seguintes resultados: para a *animacidade*, o fator *traço menos animado* obteve mais ocorrências com o verbo *haver* (05) e, por fim, o tempo *presente* trouxe mais ocorrências para o verbo *haver* (05) que o *passado* com 03 ocorrências, fato esse não esperado em virtude das tendências existentes para esse fenômeno.

Os dados apresentados anteriormente nos três estudos refletem uma mudança em curso de *ter* se sobrepondo a *haver*. Além disso, ainda nestes estudos, os fatores favorecedores do verbo *haver* foram o *sexo feminino*, o *tempo pretérito*, a *faixa etária* mais idosa e a *escolaridade* mais *alta*. Por fim, para o verbo *ter*, os fatores mais relevantes foram o *sexo masculino*, a *faixa etária* mais *jovem*, o *tempo presente*, a *escolaridade* mais *alta* e o *traço menos animado*.

**Quadro 1.** Resumo do estado da arte acerca dos estudos variacionistas em *corpora* de Atlas linguísticos brasileiros

Cardoso (2007) – corpus do ALiB (1996-2014); 1285 ocorrências totais; Dialetoлогия		
Variáveis testadas	Frequência geral	Variáveis relevantes
(4) localidade; faixa etária; sexo; escolaridade.	<b>Ter – 96%</b> <b>Haver – 2%</b>	Apresenta os percentuais. <b>Localidade</b> - os percentuais de <i>ter</i> superam os 90%; <i>haver</i> chega até 8%, sendo que, para Maceió, não há ocorrências para <i>haver</i> ; <b>Escolaridade</b> - o verbo <i>haver</i> obteve 27 ocorrências de falantes <i>universitários</i> contra 03 para falantes com nível <i>fundamental</i> . <b>Faixa etária</b> - dados de <i>ter</i> também superiores a 90%, para <i>haver</i> houve 01 ocorrência na <i>faixa 1</i> e 31 ocorrências para a <i>faixa 2</i> . <b>Sexo</b> - índices de <i>ter</i> superiores a 90% e as <i>mulheres</i> empregam mais <i>haver</i> : 25 (3,2%).

continua

Cardoso (2008) – corpus do ALiB (1996-2014); 1812 ocorrências totais; Dialectologia		
Variáveis testadas	Frequência geral	Variáveis relevantes
(4) localidade; faixa etária; sexo; escolaridade.	<b>Ter – 94,5%</b> <b>Haver – 2,6%</b>	Apresenta os percentuais. <b>Localidade</b> - <i>ter</i> , que atinge, no geral, a casa dos 90%, Salvador apresenta um índice de 88%, enquanto que <i>haver</i> alcança 8%. <b>Faixa etária</b> - jovens e idosos preferem <i>ter</i> e com um percentual que ultrapassa 90%. Para <i>haver</i> , o maior índice é o da <i>faixa etária II</i> . <b>Sexo</b> - homens e mulheres usam mais o verbo <i>ter</i> : 94% e 95%, respectivamente. Para <i>haver</i> os dados são de 2 ocorrências. <b>Escolaridade</b> - os falantes universitários apresentam 5% no uso de <i>haver</i> , já falantes com nível fundamental revelam apenas 1% de <i>haver</i> .
Ramos e Santos (2012) – corpus do ALiMA (2000); 330 ocorrências totais; Sociolinguística Variacionista e Dialectologia		
Variáveis testadas	Frequência geral	Variáveis relevantes
(5) animacidade do argumento interno; tempo verbal; localidade, faixa etária e sexo.	<b>Ter – 97,5%</b> <b>Haver – 2,4%</b>	Apresenta somente os percentuais. <b>Localidade</b> – São Luís apresenta o maior número de ocorrências dos dois verbos; as cidades de Balsas, Brejo, Imperatriz, Tuntum e Turiaçu foram categóricas no uso de <i>ter</i> ; <b>Faixa etária</b> – os idosos apresentam mais ocorrências de <i>haver</i> que os jovens, embora haja pouquíssimas ocorrências para <i>haver</i> : 08. <b>Sexo</b> – também com pouquíssimas ocorrências, as mulheres usaram mais <i>haver</i> que os homens; <b>Animacidade</b> – o verbo <i>haver</i> ocorreu mais com o traço menos animado; <b>Tempo verbal</b> – <i>haver</i> ocorreu mais com o tempo <i>presente</i> ;

## 2. Metodologia

### 2.1 O corpus

O *corpus* de nosso trabalho é constituído a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Iniciado em 1996, o ALiB concretiza o sonho de constituição de um atlas nacional, aspiração de dialetólogos brasileiros já no século XX.

O objetivo do Projeto ALiB é a descrição e mapeamento do Português Brasileiro (doravante PB), procurando recobrir as diferentes áreas e as variadas situações dos usos da linguagem. A rede de pontos do ALiB é constituída por 250 localidades distribuídas por todo o território nacional, o que corresponde a uma área de 8.511.000 km<sup>2</sup>. A seleção desses pontos geográficos objetivou abarcar as distintas situações culturais, as áreas de limites internos e internacionais, levando em consideração a densidade demográfica das regiões brasileiras (CARDOSO; MOTA, 2012).

Os informantes fazem um total de 1.100 indivíduos, estratificados em duas faixas etárias (faixa I de 18 a 30 anos e faixa II de 50 a 65 anos), dois níveis de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior completo), distribuídos pelos dois sexos (masculino e feminino) (CARDOSO *et al*, 2013). Ainda segundo Cardoso e Mota (2012), o Projeto ALiB teve como objetivo maior, mapear o PB sob a perspectiva diatópica, diageracional, diagenérica e diastrática, oferecendo o controle de variáveis sociais, o que permite uma visão geo-sociolinguística da nossa língua falada, com resultados geolinguísticos focados em uma perspectiva pluridimensional.

O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, segundo Cardoso e Mota (2012), “constitui-se na primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, *in loco*, nas diversas regiões geográficas, a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250)” (2012, p. 855). Trata-se, portanto, de um projeto que nasceu na seara da variação linguística, da Dialectologia com base na metodologia da Geolinguística (CARDOSO, 2010), que objetiva descrever, com base em dados cartográficos, o português falado no Brasil.

## 2.2 Nossa amostra

Para nossa pesquisa, selecionamos uma amostra constituída por dados oriundos de 21 pontos de inquérito, distribuídos assim: 04 de Alagoas: União dos Palmares, Santana de Ipanema, Arapiraca e Maceió; 12 do Ceará: Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobral e Tauá; e 05 do Piauí: Teresina, Piripiri, Picos, Canto do Buriti e Corrente, que fazem parte do ALiB.

Ao todo, foram ouvidos 84 informantes estratificados segundo as variáveis sociais: sexo<sup>2</sup> (masculino e feminino), faixa etária (faixa 1 – 18 a 30 anos, e faixa 2 – 50 a 65 anos) e localidade (municípios supracitados).

No ALiB, a escolaridade é estratificada entre os informantes da seguinte forma: todos os 04 informantes do interior de cada Estado apresentam apenas o 8º ano do ensino fundamental, enquanto que, nas capitais, os 04 primeiros informantes concluíram até o 8º ano do nível fundamental e os informantes 05 a 08 têm nível superior completo. Para nossa amostra, utilizamos os dados dos informantes apenas com nível fundamental de escolarização. Dessa forma, para as localidades de Maceió, Fortaleza e Teresina, selecionamos somente os 04 falantes com nível fundamental incompleto de escolaridade, com o intuito de homogeneizar nossa amostra.

---

2 Aderimos, em nossa pesquisa, à nomenclatura *sexo* devido à estratificação de nosso *corpus* de pesquisa *ter* se baseado, exclusivamente, na divisão biológica entre os indivíduos.

Nesta análise, testamos, além das variáveis de natureza extralinguística (*sexo, faixa etária, localidade e tipo de questionário*), as variáveis linguísticas *vogal temática da palavra e extensão do vocábulo*. As variáveis sociais foram selecionadas a partir da estratificação original dos informantes do *corpus*.

Realizamos a audição, na íntegra, dos Questionários que compõem as entrevistas do ALiB: o Questionário Fonético-Fonológico - QFF, Discursos semidirigidos, Questionário Semântico-Lexical – QSL, Questões de prosódia e do Questionário Morfossintático – QMS. Concomitante à audição, transcrevemos e codificamos os dados coletados que, posteriormente, foram submetidos à análise estatística do programa Goldvarb X (SANKOF *et al.*, 2005). De posse destes dados estatísticos, realizamos a interpretação destes dados, que vem a seguir.

### 3. Análise dos resultados

A baixa quantidade de dados para o verbo *haver* já tinha sido observada nos estudos de Ramos e Santos (2012) e Cardoso (2007, 2008) em *corpora* de Atlas linguísticos, o que também ocorreu na nossa amostra analisada. Em virtude disso, apresentaremos, inicialmente, todas as frequências obtidas para cada uma das variantes existenciais e, posteriormente, uma análise sociolinguística mais detalhada entre os verbos *haver* e *ter*.

Dessa forma, na análise *haver vs. ter*, o Goldvarb X selecionou duas variáveis relevantes, por isso só analisaremos os resultados desta rodada. A seguir, é possível visualizar no Gráfico 1 as frequências obtidas para as variantes em questão.

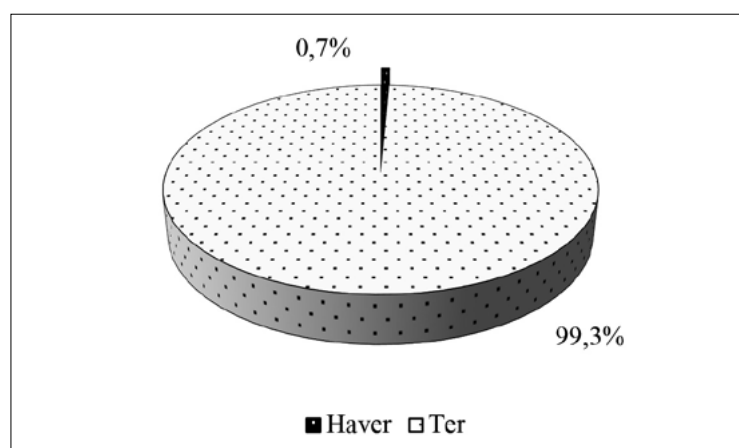


Gráfico 1. Frequência de uso dos verbos *haver* e *ter* na amostra

Na amostra de fala analisada por nós, pudemos verificar que o percentual de uso das variantes assinala para a existência de uma regra *semicategórica*. Em Labov (2003), sabemos que há as já mencionadas regras *categóricas*, para as quais atribui-se 100% de frequência para



uma das variantes linguísticas, nesses casos, podemos inferir que não há variação. Além das regras categóricas, temos também as regras *variáveis*, que são aquelas que estão entre 5% e 95% de frequência total de dados, em que duas ou mais variantes linguísticas coocorrem, e, por último, há ainda, as chamadas regras *semicatóricas* que são aquelas em que uma das variantes ocorrem entre 95-99% dos dados.

Nas regras semicatóricas, uma das variantes em concorrência surge com uma quantidade de dados muito reduzida em relação a sua forma opositora que prevalece em grande quantidade. Assim, Labov (2003, p. 242, tradução nossa) explica que, “é comum encontrá-las no início ou no final de uma mudança linguística em progresso, em que a forma é muito rara para ser notada onde quer que ocorra”<sup>3</sup>.

Na análise de *haver* vs. *ter*, chegamos à conclusão de estarmos lidando com uma regra semicatórica na amostra analisada. Mesmo assim, prosseguimos com a análise proposta para verificarmos quais fatores ainda fazem com que o verbo *haver* ainda surja na amostra.

O programa Goldvarb X selecionou como relevante para o verbo *haver* as variáveis *faixa etária* e *tempo verbal*, nessa ordem de relevância. Vejamos, portanto, os resultados para a variável *faixa etária*.

**Tabela 1.** Atuação da variável *faixa etária* para o verbo *haver*

Fator	Aplic./total	Frequência	Peso Relativo
Faixa etária I	1/650	0,2%	0,238
Faixa estaria II	10/1047	1,1%	0,674

*Input 0.004, Significance = 0.020*

Os dados apresentados na Tabela 1 corroboram com a literatura especializada sobre os verbos existenciais (BATISTA, 2012; CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2004; MARTINS; CALLOU, 2003; OLIVEIRA, 2014; RIBEIRO *et al.*, 2013; SILVA, 2001, 1999; SOUZA, 2015; VIANA, 2018), onde a *faixa etária II* beneficia *haver* (0,665), enquanto a *Faixa etária I* é desfavorecedora de *haver* (0,249) e aliada de *ter* (0,751). No entanto, é importante lembrarmos que esse peso relativo foi obtido a partir de pouquíssimas ocorrências.

Os dados a que chegamos, nessa análise, apresentam a tendência trazida por Labov (2008) na qual os jovens são mais abertos às variantes inovadoras, enquanto os mais velhos, também por já estarem no mercado de trabalho e precisarem manter *status* entre os seus, favorecem as variantes de prestígio. Portanto, os mais velhos privilegiam a variante padrão *haver*, enquanto

3 No original, “It is common to find rules at the beginning or at the end of a linguistic-change in progress, where the form is rare enough to be noticed whenever it occurs”.

que os mais jovens beneficiam *ter*, a variante não-padrão. Dessa maneira, somos levados a crer que estamos diante de uma mudança em progresso.

Para essa afirmação, apresentamos o Gráfico 2 que apresenta, segundo Chambers e Trudgill (1980), uma tendência de *mudança em progresso*. Embora este gráfico nos traga essa tendência de mudança, não podemos afirmar, de forma categórica, que tenhamos uma mudança, pois trouxemos aqui só os dados oriundos de atlas que apresentam amostras insuficientes para uma categorização, mas tais dados já nos apontam o rumo da tendência da língua quanto à variação dos verbos existenciais.

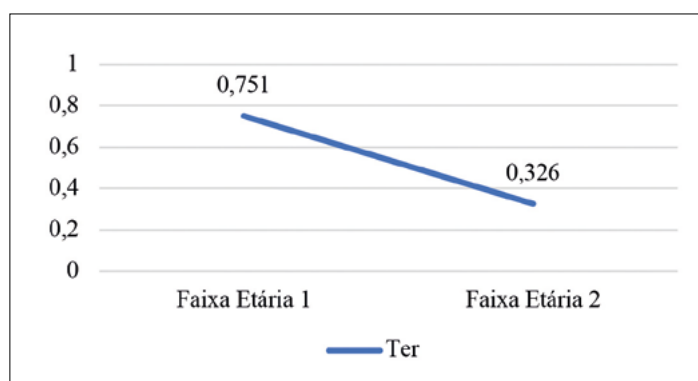


Gráfico 2. Pesos relativos da variante inovadora *ter* na amostra

Ressaltamos, também, que, na variação em tela, não temos uma variante estigmatizada (LABOV, 2008), ou seja, embora o verbo *ter* em sentido existencial seja considerado não-padrão, ele é usado por todas as camadas de falantes (VITÓRIO, 2011, 2012, 2013) de forma que o verbo *haver*, existencial padrão, assim como *existir*, são mais usados na escrita (VITÓRIO, 2015).

A Tabela 2, a seguir, nos apresenta a atuação da variável *tempo verbal* para o verbo *haver* em nossa rodada.

Tabela 2. Atuação da variável *tempo verbal* para o verbo *haver*

Fator	Aplic./total	Frequência	Peso Relativo
Presente	7/1482	0,5%	0,453
Pretérito	5/178	2,8%	0,829

Input 0.004, Significance = 0.020

Vejamos a seguir, os excertos (1) a (6) que apresentam as ocorrências em nossa amostra. A partir deles, podemos ver, além da pouquíssima quantidade de dados para *haver*, os contextos de ocorrência, assim como o tempo verbal, localidade do informante, sexo e faixa etária.

- (1) **Entrevistador:** E tem um ditado antigo que diz assim: “onde há força...”?  
**Informante:** onde *há* a força... *há*... *há* o... - Santana do Ipanema-AL, sexo feminino, faixa etária II.
- (2) **Entrevistador:** o senhor acha que tem vida em outros planetas? Já lhe passou isso pela cabeça? Fora da Terra... será que tem vida?  
**Informante:** eu acredito: fora da Terra *há* a vida... pela nossa religião acreditamos que *há* a vida fora da Terra...  
[...]  
**Informante:** ... tinha um local chamado [...] e um belo dia... esse grupo de meninos andava juntos... se desentenderam... *houve* um desentendimento entre nossos irmãos e primos... – União dos Palmares-AL, sexo masculino, faixa etária II.
- (3) **Entrevistador:** por que a senhora gosta mais do Gugu?  
**Informante:** ... porque o Gugu ele fala sobre tudo... ela fala de... se *houve* uma violência ele fala se tem alguém... uma criança precisando de ajuda ele ajuda... - Maceió-AL, sexo feminino, faixa etária II.
- (4) **Entrevistador:** O senhor já viajou de avião?  
**Informante:** Não... não *houve* oportunidade ainda – Fortaleza-CE, sexo masculino, faixa etária II.
- (5) **Entrevistador:** Como era essa cidade antigamente em termos de festa?  
**Informante:** Em termo de festa? Era... era... *existia*... mas era bem diferente... porque agora a coisa mudou... é outra...  
**Entrevistador:** Que é que aconteceu?  
**Informante:** Acontecia assim... umas festas religiosas... as coisas que era típica né... mas aí *houve* uma evolução duns elementos... uma evolução das coisas... – Quixeramobim-CE, sexo masculino, faixa etária II.
- (6) **Entrevistador:** Como era essa cidade antigamente em termos de festa? Antigamente... aqui... como era em termos de festa?  
**Informante:** *Havia* muita festa boa. – Piripiri-PI, sexo feminino, faixa etária I.

Vimos aqui que o verbo *haver* é maior aliado do *tempo verbal pretérito* (0,829), enquanto que o *presente* é seu antagonista (0,453), sendo levemente favorecedor de *ter* (0,547). Esses dados corroboram nossa literatura sobre *haver vs. ter*, posto que os tempos verbais no *passado* são quase categoricamente favorecedores de *haver* (BATISTA, 2012; CALLOU; AVELAR, 2000; MARTINS; CALLOU, 2003; SILVA, 2001, 1999; SOUZA, 2015, VIANA, 2018), já o presente privilegia *ter*.

Os estudos como os trazidos em nossa literatura apresentam esta tendência do verbo *haver* existencial de ser beneficiado pelos tempos do passado, como apresentados nos excertos acima, os verbos *houve* e *havia*, mesmo que em menores quantidades que o presente *há*. Como apresentado na Tabela 2, a análise estatística apresenta as tendências de probabilidade, mesmo apresentando poucos dados, ou uma amostra de dados menos harmônica, nos permitindo, portanto, realizar inferências sobre a mudança em progresso.

## Considerações finais

Os resultados a que chegamos nesta pesquisa é que testemunhamos a existência de uma regra semicategórica, em que se delineia uma mudança em progresso no sentido do verbo *ter* sobrepujar o verbo *haver*, ratificando os estudos sobre *ter* e *haver* existenciais em Atlas linguísticos desenvolvidos no território brasileiro, como os trabalhos de Cardoso (2007, 2008) e Ramos e Santos (2012).

As hipóteses, com as quais trabalhamos nesta pesquisa, foram as seguintes: i) os dados de *ter* são superiores aos dados de *haver* - hipótese confirmada por nós; ii) o *sexo masculino* favorece o verbo *ter*, enquanto o *sexo feminino* beneficia *haver* – esta hipótese não pôde ser confirmada, pois a variável *sexo* não foi selecionada como relevante pelo programa computacional; a hipótese iii) a *faixa etária II* (de 50 a 65 anos) é aliada do verbo *haver*, corroborada no estudo; iv) a hipótese sobre a *localidade* não foi confirmada nem refutada, pois a variável também não se apresentou relevante; e a última hipótese: v) a *forma verbal pretérito* favorece o verbo *haver* foi confirmada.

Por fim, apresentamos em nosso estudo, uma tendência de mudança em progresso do verbo *ter* sobre o verbo *haver*, segundo as tendências de outras pesquisas sobre o mesmo tema.

## Referências

BATISTA, Priscila G. **Ter e haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre**: do social ao linguístico. 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/BatistaPG.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito O. de. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**, n. 9, p. 85-100, 2000. Disponível em: [http://www.academia.edu/15828109/Sobre\\_TER\\_e\\_HAVER\\_em\\_constru%C3%A7%C3%B5es\\_existenciais\\_varia%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_mudan%C3%A7a\\_no\\_Portugu%C3%AAs\\_do\\_Brasil](http://www.academia.edu/15828109/Sobre_TER_e_HAVER_em_constru%C3%A7%C3%B5es_existenciais_varia%C3%A7%C3%A3o_e_mudan%C3%A7a_no_Portugu%C3%AAs_do_Brasil). Acesso em: 07 fev. 2018.

CARDOSO, Susana A. M. da S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Susana A. M. da S. Um traço do português do Brasil: *ter* com sentido existencial. In: XV Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, 2008, Montevideo. *Anais...* XV Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina. Montevideu: ALFAL, 2008. Disponível em: [https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKewj25oHs3pTTAhVBFJAKHakXBGoQFggjMAA&url=http%3A%2F%2Falfal.easyplanners.info%2Fprograma%2Fbajando\\_tl.php%3Fid%3D0613\\_Marcelino\\_Cardoso\\_Suzana\\_Alice.doc&usg=AFQjCNEjIly2J26OQ4WVv2ZAvdM3lvrlsg&sig2=B20021ATPHSdh0TnM1Pkrq](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKewj25oHs3pTTAhVBFJAKHakXBGoQFggjMAA&url=http%3A%2F%2Falfal.easyplanners.info%2Fprograma%2Fbajando_tl.php%3Fid%3D0613_Marcelino_Cardoso_Suzana_Alice.doc&usg=AFQjCNEjIly2J26OQ4WVv2ZAvdM3lvrlsg&sig2=B20021ATPHSdh0TnM1Pkrq). Acesso em: 08.04.2017.

- CARDOSO, Susana A. M. da S. A expressão do sentido existencial no português do Brasil: TER, *haver* e EXISTIR. In: XXV Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, 2007, Innsbruck, Áustria. XXV CILPR 2007. **Communications: Résumés**. Innsbruck, Áustria: Innsbruck University Press, p. 185-186, 2007.
- CARDOSO, Susana A. M. da S.; MOTA, Jacira A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, 56, 855-870, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2017.
- CARDOSO, Susana A. M. da S.; MOTA, Jacira A.; PAIM, Marcela M. T.; RIBEIRO, Silvana S. C. (Org.). **Documentos 4**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013.
- CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- DUTRA, Cristina de S. *Ter* e *haver*: o uso variável na língua falada em Salvador. In: Jornada do GELNE, 20., 2004, João Pessoa-PB. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Cristiane%20de%20Sousa%20Dutra.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.
- GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana M. S. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- MARTINS, Luciene; CALLOU, Dinah. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 5., 2003, Curitiba-PR. **Anais Eletrônicos...** Curitiba: Mídia Curitibana, 2003. p. 820-825. Disponível em: <http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/114.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2016.
- MOTA, Jacira A.; CARDOSO, Susana A. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. **Signum**: Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 1, p. 237-256, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4243/4603>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- OLIVEIRA, Carolina S. de O. **A variação entre ter e haver em construções existenciais na fala e na escrita da variedade rio-pretense**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122109>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- RAMOS, Conceição de M. de A.; SANTOS, Wendel S. dos. Estruturas existenciais: a variação ter/haver no corpus constituído para ALiMA. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 19, n. especial, jul. 2012. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1069/757>. Acesso em: 22 maio 2014.

RIBEIRO, Patrícia R. O.; SOARES, Mariana S.; LACERDA, Patrícia F. A. da C. A realização da noção de existência no “mineirês”: um estudo da variação dos verbos *ter*, *haver* e *existir*. **Revista Signótica**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 535-561, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/19192/15795>. Acesso em: 26 jun. 2016.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X** – a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em: 10 jun. 2017.

SILVA, Rosângela N. A. da. **Variação ter/haver na fala pessoense**. 2001. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

SILVA, Rosângela N. A. da. Aspectos da variação ter/haver na fala pessoense. In: MOURA, Denilda. *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999. p. 523-526.

SOUZA, Francisco F. de. *Tem chance de haver ainda existir no falar popular?: a variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR*. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

VIANA, R. B. de M. *Tem mais existir que haver no falar dos fortalezenses: o papel dos fatores sociais na variação dos verbos existenciais*. In: ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 95-125.

VITÓRIO, Elyne. G. de S. L. A. (Des) Uso do verbo *haver* existencial. **Web-Revista Sociodialeto**. v. 6, n. 17, nov. 2015. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/22/03062016072234.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

VITÓRIO, Elyne. G. de S. L. A. **Construções existenciais com os verbos ter e haver na fala e na escrita: uma análise comparativa**. 2013. 29 f. Relatório de Pós-Doutorado. (Pós-doutorado Júnior em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Mimeo.

VITÓRIO, Elyne. G. de S. L. A. **Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?** 2012. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, 2012.

VITÓRIO, Elyne. G. de S. L. A. A alternância ter/haver existenciais na fala maceioense. **Revista Interdisciplinar**, ano VI, v. 14, jul./dez. 2011, p. 77-85. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1067/905>. Acesso em: 30 jan. 2018.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.